



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22 221

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz
Tânia Moura Benevides

DOI 10.22533/at.ed.90219050222

CAPÍTULO 23 231

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho
Dalvanira Elias Camelo

DOI 10.22533/at.ed.90219050223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 237

FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS

Dejeane de Oliveira Silva

Departamento de Ciências da Saúde.
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/
Escola de Enfermagem- Universidade Federal da
Bahia – UFBA
Ilhéus – Bahia

Mirian Santos Paiva

Escola de Enfermagem/UFBA
Salvador – Bahia

Edméia de Almeida Cardoso Coelho

Escola de Enfermagem/UFBA
Salvador – Bahia

Fernanda Matheus Estrela

Escola de Enfermagem/UFBA
Salvador – Bahia

Raiane Moreira Coutinho da Cruz

Escola de Enfermagem/UFBA
Salvador – Bahia

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado da Bahia - FAPESB

RESUMO: Considerando as lutas feministas e as questões de gênero como possibilidade de fomentar novas reflexões e aprofundamento teórico sobre a temática, o estudo objetivou identificar as contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, com características descritivas. Foram definidas como fontes de busca as bases

*Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Literatura em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), utilizando-se como descritores/termos de busca: feminismo, epistemologia e gênero. O recorte temporal para a realização do estudo tomou como ponto de partida o ano de 2005, a fim de analisar as produções científicas publicadas nos últimos 10 anos. Visando manter o rigor do método científico, foram selecionados somente os artigos que apresentavam as contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero e, assim, chegou-se ao *corpus* de análise deste estudo constituído pelo conjunto de 08 artigos. Os estudos apontam para a importância do feminismo e da temática gênero para consolidação de lutas e mudanças de práticas relacionadas à mulher, bem como promove novas reflexões referentes ao objeto de estudo.*

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo.
Epistemologia. Gênero.

ABSTRACT: Considering the feminist struggles and the gender issues as a possibility to foment new reflections and theoretical deepening on the theme, the study aimed to identify the epistemological contributions of the Brazilian studies on feminism and gender. It is a systematic review of the literature, with

descriptive characteristics. The search bases were defined as the *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Literatura em Ciências da Saúde* (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), using descriptors / search terms: feminism, epistemology and gender. The time cut for the study took as its starting point the year of 2005, in order to analyze the scientific productions published in the last 10 years. In order to maintain the rigor of the scientific method, only articles that presented the epistemological contributions of the Brazilian studies on feminism and gender were selected and, thus, the corpus of analysis of this study was made up of a set of 08 articles. The studies point to the importance of feminism and gender thematic to consolidate struggles and changes in practices related to women, as well as promotes new reflections regarding the object of study.

KEYWORDS: Feminism. Epistemology. Gender.

1 | INTRODUÇÃO

A epistemologia feminista estuda as maneiras em que o gênero influencia nas concepções do conhecimento científico. Além disso, argumenta a distinção entre o sexo e o gênero, partindo de uma concepção de que o sexo compreende as diferenças biológicas entre homens e mulheres e o gênero, como um conceito criado para opor-se ao determinismo biológico das relações entre os sexos, concebendo-lhe um caráter fundamentalmente social (SCOTT, 1995).

Nesse contexto, o conceito de gênero é um instrumento de análise do impacto das ideologias que permite dar conta da construção de gênero como fonte de poder e hierarquia que repercute mais negativamente sobre a mulher (BAIRROS, 1995). Cabe-nos ainda destacar que as epistemologias feministas envolvem tanto análises dos problemas epistemológicos da perspectiva feminista, quanto uma teoria do conhecimento ou da ciência feminista. Segundo Cabral (2006), suas abordagens perpassam pelo empirismo ingênuo, o enfoque psicodinâmico, a teoria feminista do ponto de vista, o empirismo feminista contextual e as epistemologias pós-modernas.

O empirismo ingênuo é descrito como uma epistemologia que vê as tendências sexistas e androcêntricas na ciência como fruto do mau emprego do método científico clássico, cuja aplicação direta levaria a boa ciência. Já o enfoque psicodinâmico tem por objetivo explorar as consequências da ciência ter sido construída majoritariamente por homens a partir de estudos sobre as diferenças entre moralidade e raciocínio de homens e mulheres. Mencionamos ainda, a Teoria do Ponto de Vista, que coloca a experiência da opressão sexista como resultado da posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social se interseccionam em diferentes pontos, enquanto o feminismo pós-moderno concebe a ciência como “narrar histórias”, uma negociação de interesses, não de busca de verdade (CABRAL, 2006).

Assim, Sardenberg (2007) destaca o lugar do sujeito feminino na ciência e na

tecnologia como uma possibilidade de pesquisa para as mulheres e não simplesmente sobre as mulheres. O feminismo enquanto teoria e prática, tem se constituído como um movimento fundamental na luta e conquista de novos espaços, formação de grupos e redes e para o desenvolvimento de um novo modo de pensar o ser mulher.

Esse estudo justifica-se por subsidiar o entendimento das lutas feministas, fomentando novas reflexões acerca das pesquisas para as mulheres e não apenas sobre as mulheres, além de suscitar novas produções, maior interesse político e visibilidade sobre o tema. Assim, questiona-se: Quais são as contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero? Para responder a essa inquietação, delineamos como objetivo: identificar as contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero.

A partir dessa percepção e reflexão em torno da epistemologia feminista e das respostas à questão de pesquisa delimitada, poderão ser geradas formas de pensar e agir, com ações políticas que possam produzir novos olhares para a atual sociedade, no que se refere a posturas e condutas racista, sexista e androcêntrica.

2 | METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, com características descritivas, que, de acordo com Berwanger et al. (2007), constitui-se em um modo de sintetizar informações disponíveis em dado momento, referente a uma temática ou problema específico, sem perder de vista a objetividade e clareza por meio do método científico. A revisão sistemática possui enquanto princípios gerais, a exaustão na busca das pesquisas analisadas, a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos e a avaliação da qualidade metodológica.

Foram utilizadas como fontes de busca, as bases *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Literatura em Ciências da Saúde (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), consultadas a partir da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Os descritores/termos de busca foram: feminismo, epistemologia e gênero e suas combinações na língua portuguesa com inter-relação do operador booleano and. O recorte temporal para a realização do estudo tomou como ponto de partida o ano de 2005 e analisou as produções científicas publicadas nos últimos 10 anos, considerando documentos publicados no período de 2005 a 2014. A coleta foi realizada durante o mês de junho de 2015.

Os materiais científicos foram organizados em uma tabela no *Microsoft Office Word* 2010 com os seguintes indicadores: bases de dados, títulos, resumos, critérios de inclusão/exclusão, autores e ano de publicação. Para a **primeira etapa de seleção**, foi feita a leitura dos 17 títulos a fim de identificar a relação dos mesmos com os objetivos da pesquisa, sendo utilizados os seguintes critérios de inclusão: estudos que possuíssem associação dos descritores selecionados em seu título, resumo ou

corpo do texto; disponíveis na íntegra e no idioma português, publicados no Brasil, no período de 2005 a 2014.

Desse modo, foram excluídos: as duplicidades; os estudos em espanhol, inglês e outros idiomas; um artigo que tratava de homenagem a uma pesquisadora feminista; pesquisas que abordavam o fenômeno da violência contra a mulher a partir da perspectiva de gênero, bem como um relato de experiência na implantação de grupo de pesquisa na área de saúde da mulher.

Adotados os critérios supracitados, 11 artigos constituíram o material para a **segunda etapa da seleção**. Nesta etapa, foi realizada a leitura dos resumos a fim de filtrar os estudos cujos objetivos se aproximassem daqueles propostos por esta pesquisa. Seguiu-se, então, para a **terceira etapa de seleção**, constituída por 10 artigos, que foram lidos na íntegra. Nesta etapa, foi utilizado um instrumento com questões orientadoras que buscaram identificar nos artigos as contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero. Visando manter o rigor do método científico, foram selecionados os artigos que apresentavam tais contribuições e, assim, chegou-se ao *corpus* de análise deste estudo constituído pelo conjunto de 08 artigos.

Sabendo-se que esta revisão sistemática utilizou dados secundários e não incluiu a participação direta de seres humanos, dispensou-se a apreciação pelo Comitê de Ética. Entretanto, a pesquisa considerou as questões éticas que envolvem as produções técnico-científicas, descritas no Art. 91 do Código de Ética de Enfermagem cujo conteúdo destaca o princípio da fidedignidade das informações e respeito aos direitos autorais (COFEN, 2000).

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relacionado ao cenário, os estudos foram desenvolvidos em âmbito nacional, em universidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, havendo uma diversidade de estudos entre as capitais. Enfatiza-se que existe uma relação desses achados com o fato dessas Universidades terem um maior número de docentes com título de Mestre e Doutor, além de muitas universidades possuírem programas de pós-graduação de qualidade com altos índices de publicação (AQUINO et al., 2011).

O estudo revela que entre os anos 2005 e 2014 foram publicados apenas oito artigos originais. Chama atenção que embora o recorte anual limite tenha considerado o ano de 2005, a primeira publicação data de 2006. Três estudos foram publicados em 2008, um em 2009 e três em 2011. Estudo realizado em 2006 mostrou o crescimento acentuado nas produções científicas, sendo localizadas 98 dissertações, 42 teses e 665 artigos sobre gênero e saúde (AQUINO et al., 2006). No entanto, nos anos atuais houve uma queda dessas produções sinalizando a necessidade de novos estudos sobre a temática.

Quanto ao periódico, quatro artigos foram publicados na Revista Estudos Feministas, atualmente classificada em Qualis A2; um na Educação em Revista, com Qualis B1; outro na Revista Brasileira de Ciências Sociais com Qualis A2; outro na revista de Psicologia e Sociedade com Qualis A2 e um na Revista Motriz de Educação Física, com Qualis B1. Considerando as oito produções científicas, classificadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), seis tem Qualis A2 e duas enquadram-se no B1. Segundo o processo de avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação, podemos inferir que embora reduzida, a produção científica sobre a temática vem sendo divulgada em periódicos de circulação nacional e internacional considerados mais qualificados CAPES, visto que o Qualis B1 representa um bom estrato, atrás apenas do A1 e A2.

O Qualis representa a estratificação da qualidade dos veículos de produção intelectual. Esses estratos são definidos pela CAPES, cujo trabalho é realizado em parceria com o Ministério da Educação, incentivando a divulgação da produção científica, aprimorando a formação de recursos humanos e viabilizando a extensão, além de favorecer a consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado), sendo a principal agência governamental de acompanhamento e coordenação das atividades de pós-graduação do Brasil (SANTOS; LEMOS, 2011).

Os artigos selecionados foram publicados em que apontam a importância do feminismo e da temática gênero para consolidação de lutas e mudanças de práticas relacionadas à mulher. Assim, após a análise de todo o material, elencamos as seguintes categorias: Contribuições epistemológicas no âmbito da saúde dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero (categoria 1); Contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero para o empoderamento de mulheres (categoria 2).

Categoria 1 Contribuições epistemológicas no âmbito da saúde dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero

O feminismo se constituiu em um dos maiores movimentos sociais já vistos no século XX, sendo um campo de estudo cada vez mais investigado, sobretudo, por representar um saber que permite o diálogo entre as diversas esferas de inserção e vivência das mulheres, de modo a permitir novos olhares sobre o conhecimento produzido (OLIVEIRA, 2008). Muitos estudos investigados chamam a atenção para essa afirmativa e esclarecem que o conhecimento é dinâmico e se relaciona diretamente com um sujeito em conflito e que tem relação contínua com a dúvida e com a inconstância (OLIVEIRA, 2008).

Sardenberg (2007) destaca que o objetivo maior do projeto feminista é deixar claro que as mulheres têm capacidade e autoridade do saber e é preciso produzir conhecimentos que venham a responder a interesses para a sua emancipação. Neste sentido, os artigos destacam que o processo de invisibilidade das mulheres no

mundo das ciências se prolongou por muitos anos, sendo esse segmento excluído das produções devido ao próprio sistema do patriarcado. Porém, a crítica feminista, que luta pela igualdade de gênero, vem se fortalecendo e fazendo duras críticas, sobretudo quanto ao fato de que a ciência não é neutra, permitindo a participação massiva apenas dos homens (OLIVEIRA, 2008; SARDENBERG, 2007).

Apesar do processo de invisibilidade pelo qual passou e, por vezes, passam as mulheres, observam-se avanços nesse contexto. No que tange a investigações relacionadas às mulheres, as pesquisas têm se constituído cada vez mais como um vasto campo de investigação para as diversas áreas de conhecimento. Concernente aos estudos feministas e de gênero, estes têm representado importante fonte de contribuição para essas áreas, sobretudo, a área da saúde. As pesquisas com orientação feminista e de gênero vem fomentar a possibilidade do diálogo da saúde com essas temáticas, maior emancipação política, com reflexões para práticas inovadoras e democráticas para o cuidado em saúde, principalmente para as mulheres (COSTA, 2011; OLIVEIRA, 2008).

Quando as pesquisas relacionadas à mulher dialogam com temáticas como o feminismo e o gênero, que são temas transversais e relevantes, torna-se possível a existência de uma abordagem interdisciplinar. Para isso, é necessário romper com paradigmas dominantes que conceberam a sociedade em seu contexto racista, sexista e marcada por inúmeras e permanentes desigualdades entre homens e mulheres (BAIROS, 1995; OLIVEIRA, 2008).

Os estudos motivam uma percepção mais profunda quanto às contribuições que o diálogo com o feminismo e com o gênero vem engendrando em temas como a violência contra a mulher e a situação do aborto no país. Não é possível conceber os resultados da violência sofrida por mulheres, seja por parceiros(as), profissionais de saúde, apenas como um ato isolado e com conseqüências físicas de curto prazo. É preciso vê-las como um fenômeno que produz efeitos emocionais, físicos, sociais, profissionais e existenciais, e diversas vezes permanentes (OLIVEIRA, 2008).

As pesquisas que se orientam no feminismo vêm alertando para o fato de que as mulheres devem ter o controle sobre o seu corpo e a sua sexualidade de modo que as possibilite romper com as relações hegemônicas de poder dominantes (serviços, companheiros(as), gestores, profissionais) sobre o dominado (a mulher) (OLIVEIRA, 2008). A dominação é um processo que tem uma conformação dialética e é preciso superá-lo. Há estudo que evidencia que a exclusão social e o domínio sobre grandes riquezas também contribuem para as diferenças entre mulheres, e o feminismo precisa está atento para a dominação de mulheres sobre mulheres (GIFFIN, 2006).

Outra importante contribuição da temática feminismo e gênero para a saúde se refere a questões relacionadas com o domínio do próprio corpo, da sexualidade e da orientação sexual. Quando discutimos sexo, há uma tentativa de se exercer o controle sobre os corpos das pessoas, com diversas cobranças que resultam em proibições e punições. Assim, ditam-se regras de exercício da sexualidade com normas bem

estabelecidas de monogamia, relações heterossexuais e dever reprodutivo. Busca-se com essas diretrizes fomentar práticas sexuais seguras nomeadamente chamadas de ideal de sexualidade. Essas condutas imprimem na mulher a negação dos direitos sobre o seu próprio corpo, sendo necessárias maiores discussões, sobretudo quanto à categoria gênero e não só o tema sexo puramente biologicista (ALTMAN, 2001; CÉSAR, 2009).

As orientações feministas buscam romper com um sistema que estabelece quais os papéis sociais que homens e mulheres devem exercer na sociedade, considerando que cada indivíduo tem sua própria biografia, com desejos e ações concretas e valores distintos. Ademais, as diferentes relações sociais perpassam por diferenças de gênero, raça, cor, devendo ser considerada a subjetividade e necessidade de cada pessoa, ainda que em uma relação hierárquica de poder (CÉSAR, 2009; CABRAL 2006; OLIVEIRA, 2008).

Os movimentos feministas tiveram e têm importante papel no que se refere a chamada “cegueira de gênero” nas ciências sociais, convocando a todas(os) pesquisadoras(es) para um debate mais próximo da emancipação da mulher em seu contexto individual, social, político e ideológico, reconhecendo-a não apenas como uma cidadã no/do mundo mas alguém com capacidade e conhecimento necessários para transformá-lo (HAMLIN, 2008). Autoras como Saffioti (2002) chamam a atenção para o fato de que é preciso estar alerta às contribuições trazidas pela discussão sobre gênero ao escopo das pesquisas e produções científicas. O sistema binário, tão hegemônico e que por muitos anos tem impedido a igualdade na sociedade, não deve ser repaginado e fortalecido com um sistema que garanta poder a um grupo em detrimento de outro, a saber: mulheres e homens, respectivamente (HAMLIN, 2008).

Scott (1995) chama a atenção para a discussão de gênero enquanto categoria analítica na saúde uma vez que essa discussão permitiu conceber as mais variadas perspectivas que se relacionam com o processo saúde-doença. Do ponto de vista do pensamento feminista e de gênero enquanto categoria de análise, muitas pesquisadoras mantêm a negação de que a ciência é neutra. Importante entender que as práticas em saúde devem garantir o encontro entre o cuidar e as perspectivas de classe, geração, cor, raça, gênero, orientação sexual, de forma a fortalecer e proporcionar um cuidado individualizado e integral (FERREIRA; NASCIMENTO; PAIVA; TEIXEIRA, 2012).

Para cuidar de forma individualizada é imprescindível que mulheres e homens sejam vistos para além dos aspectos biológicos. Não é possível cuidar, se o entendimento que se tem sobre condutas de homens e mulheres são sustentadas por uma visão binária, baseada em estereótipos ditados por normas hegemônicas que distinguem o que é legítimo e o que é ilegítimo. O feminismo e gênero vêm contribuir para o entendimento de que não deve haver condutas pré-determinadas para homens e mulheres e é preciso repensar normas e atitudes, sobretudo no que se refere às representações sexuais sobre o feminino e o masculino para que assim, possamos alcançar conquistas mais reais quando o tema for igualdade entre mulheres e homens

(ALÓS, 2011; BRASIL, 1998).

Assim, é preciso que novas reflexões e estudos sejam feitos para que haja um encurtamento entre o que se quer e o que se tem para mulheres e homens na sociedade atual. É essencial pensar o feminismo e o gênero como temas transversais e capazes de fomentar novas discussões quanto à saúde, com possibilidade de suscitar propostas de ações interdisciplinares para gerar novos aprendizados e mudanças de práticas no cuidado, e nas pesquisas para e com as mulheres.

Categoria 2 Contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero para o empoderamento de mulheres

Segundo Romano e Antunes (2002) o termo empoderamento passa a ser utilizado nos anos de 1970 com o fortalecimento dos movimentos sociais, dentre esses os movimentos feministas. Nos artigos analisados foi possível observar que segundo Gohn (2004) o empoderamento não possui uma característica universal. Para a autora, refere-se a mobilizações capazes de gerar em um grupo ou em uma comunidade a capacidade de desenvolver estratégias que promovam o crescimento, autonomia e progresso sucessivo em suas vidas, tanto no que se refere a bens materiais, quanto ao desenvolvimento de uma visão crítica da realidade social.

Os grupos sociais, em suas lutas, discussões e reflexões, encorajam o debate sobre novas práticas sociais para promover a visibilidade de questões, sobretudo relacionadas ao empoderamento de mulheres. Empoderamento aqui é entendido como o poder que um grupo possui de escrever a sua própria história sendo protagonista e autônomo em suas lutas e decisões. (SANTOS; LEMOS, 2011; GOHN, 2004; ROMANO; ANTUNES, 2002).

Os artigos abordam a importância dos movimentos sociais no processo de empoderamento de mulheres. Uma das contribuições do feminismo e gênero nessa perspectiva de tornar grupos empoderados é que esse processo proporciona mudanças estruturais que podem desarticular os processos de dominação das mulheres, das suas idéias, de seus corpos podendo gerar autonomia e poder de decisão. As conquistas dos movimentos feministas e das discussões acerca da temática gênero vêm proporcionar maior politização das mulheres e da sociedade com vistas a garantir direitos e conquistas individuais e coletivas, com resgate de uma perspectiva plural e multidimensional (MATOS, 2008; ROMANO; ANTUNES, 2002).

Ademais outra contribuição que as abordagens teóricas do feminismo e de gênero engendram é de chamar a atenção das(os) pesquisadoras(es), das mulheres e das feministas, quanto a necessidade de uma visão mais crítica e reflexiva quanto aos aspectos que envolvem a opressão, subordinação e subalternização de mulheres. É imprescindível o fortalecimento de ações emancipatórias e a ressignificação das relações de gênero e poder no cotidiano das lutas e relações entre homens e mulheres. (ALÓS, 2011; SANTOS; LEMOS, 2011; MATOS, 2008).

Cabe destacar que os artigos ressaltam a importância histórica da construção da mulher oprimida em que o homem possuía poder sobre ela. Ao destacar o empoderamento de mulheres, o feminismo e o gênero ressaltam a possibilidade de discussões/reflexões de temas fundamentais: a presença de uma mulher com potência suficiente para discutir politicamente a sua inserção e participação na tomada de decisão; a luta por uma sociedade com maior justiça social; as posições de gênero; as formas como são feitas a divisão social e sexual do trabalho; as relações de poder estabelecidas entre mulheres e homens e a mobilização política das mulheres (SANTOS; LEMOS, 2011).

Outro aspecto levantado por alguns artigos analisados é do empoderamento de mulheres no que tange a possibilidade de fazer ciência e colaborar com a produção do conhecimento científico. Por muito tempo a mulher foi excluída desse processo, especialmente por questões relacionadas a religião e a algumas organizações científicas. Mais uma vez os movimentos feministas no século XX tiveram participação efetiva no redirecionamento de como se conceber o conhecimento (MATOS, 2008). Assim, buscou-se romper com a dominação do androcentrismo e lutar por debates científicos mais democráticos voltados para as questões relacionadas a gênero e as mulheres (HAMLIN, 2008; MATOS, 2008; SANTOS; LEMOS, 2011).

Devide et al. (2011) esclarecem que as mulheres também se mantiveram excluídas de algumas profissões consideradas por muitos, como masculinas, como é o caso da Educação Física, reforçando mais uma vez as relações de poder, o determinismo biológico e exclusão da discussão de gênero no âmbito das relações. Os movimentos feministas vêm fortalecer reflexões sobre a temática e lutar pela participação igualitária da mulher na esfera pública. Na Educação Física brasileira a temática gênero passou a ser incorporado nas discussões na década de 80 e ainda hoje persistem alguns equívocos em sua utilização, principalmente quando o termo é utilizado como sinônimo de sexo.

Diante disso, nota-se que os movimentos feministas e outros movimentos sociais tiveram importante papel nas lutas para o empoderamento de mulheres. É importante que haja outras discussões sobre a temática gênero e feminismo para que situações como opressão, subordinação, e ausência das mulheres no cenário político sejam desestimuladas e enfrentadas. É preciso maior participação da mulher na produção de pesquisas bem como na tomada de decisão frente a questões relacionadas ao processo de emancipação política, social e pessoal com conquistas não só individuais, mas coletivas.

4 | CONCLUSÕES

Relacionado ao cenário, todos os estudos foram desenvolvidos em âmbito nacional, em grandes e importantes universidades das capitais brasileiras. Entre os anos 2005 e 2014 foram publicados apenas oito artigos originais, o que revela um

número bastante reduzido nos dez anos pesquisados, correspondendo a menos de um artigo por ano. Os artigos foram publicados em periódicos de circulação nacional e internacional, o que contribui para a difusão de conhecimentos sobre a temática.

É indispensável refletir que o feminismo e o gênero são temas transversais, de suma importância para a sociedade e capazes de gerar diversas discussões no campo da saúde. Ao se aprofundar em tais temáticas é possível promover mudanças nas práticas do cuidado em saúde principalmente no que tange a mulheres. É importante considerar que o movimento de mulheres aliado aos diversos movimentos sociais, sobretudo no que se refere a gênero e feminismo, tem importante papel na luta para a consolidação da autonomia e do empoderamento dos mais variados grupos. No entanto, faz-se necessária maior participação das mulheres e da sociedade nas discussões de forma a vislumbrar conquistas não apenas individuais, mas também de caráter coletivo, principalmente nas questões relacionadas a emancipação política e social da mulher no cenário nacional.

Ainda é muita escassa a produção acadêmica no que diz respeito as contribuições epistemológicas dos estudos brasileiros sobre feminismo e gênero. São grandes os desafios políticos, epistemológicos e metodológicos para consolidação dos avanços alcançados. A grande diversidade de questões abordadas torna qualquer revisão de caráter panorâmico parcial e insuficiente. É preciso produzir sínteses dessa literatura em cada uma de suas vertentes para precisar melhor lacunas e caminhos de investigação.

Um grande desafio diz respeito à transversalidade do gênero e à necessidade de articular esta categoria analítica a outras como raça/etnia, classe social e geração. Existe uma possibilidade de maior enriquecimento da reflexão teórica, podendo ser somado a esforços intelectuais e políticos para a compreensão da saúde e de seus determinantes na luta contra as desigualdades e pela justiça social.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Estela M L. **Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil**. Rev. Saúde Pública. 2006.

AQUINO, Priscila de Souza et al. **Análise da produção científica sobre enfermagem obstétrica na base de dados Scielo**. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene, 2011.

ALÓS, Anselmo Peres. **Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão**. Estudos Feministas, Florianópolis, 2011.

ALTMAN, Helena. **“Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais”**. Revista de Estudos Feministas, 2001.

BAIRROS, Luiza. **Nossos Feminismos Revisitados**. Rev Estudos Feministas. 1995.

BERWANGER, Otávio et al . **Como avaliar criticamente revisões sistemáticas e metanálises?**. Rev. bras. ter. intensiva, 2007.

- CABRAL, Carla Giovana. **Investigando o caráter situado do conhecimento: reflexões sobre epistemologias feministas e educação científica e tecnológica.** Rev Tecnologia e Sociedade, 2006.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”.** Educar, Curitiba, Editora UFPR, 2009.
- COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução COFEN-240/2000 - Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem.** Rio de Janeiro, 2000..
- COSTA, Lúcia Helena Rodrigues. **Estendendo o fio de Ariadne: sexualidade feminina e a interseção com o cuidado nos discursos de enfermeiras.** Salvador/BA: Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2011
- DEVIDE, Fabiano Pries et al. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira.** Motriz, 2011
- FERREIRA Sílvia Lúcia; NASCIMENTO Enilda Rosendo do; PAIVA Mirian Santos; TEIXEIRA Simone Andrade. **Reflexões teórico-metodológicas sobre os usos do conceito de gênero nas áreas de saúde e de enfermagem.** In: O pensamento feminista e os estudos de gênero experiências na Escola de Enfermagem da UFBA. Sílvia Lúcia Ferreira, Enilda Rosendo do Nascimento e Mirian Santos Paiva (Org.). 2012
- GIFFIN, Karen Mary. **Produção do conhecimento em um mundo problemático: contribuições de um feminismo dialético e relacional.** Revista Estudos Feministas, 2006
- GOHN, Maria da Glória. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais.** Saúde e Sociedade, 2004
- HAMLIN Cynthia Lins. **Ontologia e Gênero: Realismo crítico e o método das explicações contrastivas.** RBCS, 2008
- MATOS Marlise. **Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um *campo novo* para as ciências.** Estudos Feministas, 2008
- OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. **O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento.** Estudos Feministas, 2008
- ROMANO, Jorge O. Romano; ANTUNES, Marta. **Introdução ao debate sobre empoderamento e direitos no combate à pobreza.** In: Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Org. Jorge O. Romano e Marta Antunes. Rio de Janeiro : Action Aid Brasil 116p. 2002
- SANTOS, Daniele Vasco; LEMOS, Flávia Cristina Silveira. **Uma analítica da produção da mulher empoderada.** Psicologia & Sociedade, 2011
- SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** labrys, *études féministes/ estudos feministas*, 2007.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, SILVA, Alcione Leite; CORREIA, Patrícia. Categoria de gênero na enfermagem. Rev. Bras. Enferm. v. 5, 1995
- SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

